

DISCURSOS DA MEMÓRIA NA LITERATURA DA DIÁSPORA CUBANA NOS ESTADOS UNIDOS

Elena C. Palmero González (UFRJ/CNPq)
Universidade Federal Rio de Janeiro, RJ, BR

Resumo

Neste estudo apresento alguns pressupostos para pensar as relações entre diáspora e memória, discutindo a singularidade de um conjunto de textos pertencentes ao universo da literatura cubano-americana, cuja temática central e formas discursivas privilegiadas estão vinculadas à estetização de uma memória diaspórica.

Palavras -chave: Diáspora, memória, Literatura cubano-americana

Abstract

In this paper I discuss some assumptions for approaching the relations between diaspora and memory, while discussing the singularity of a group of texts that belong to the realm of Cuban-American literature, and share a central theme and privileged discursive forms that are connected to the aesthetization of diasporic memory.

Keywords: Diaspora, memory, Cuban-American literature

Resumen

En este estudio presento algunos presupuestos para pensar las relaciones entre diáspora y memoria, discutiendo la singularidad de un conjunto de textos pertenecientes al universo de la literatura cubano-americana, cuya temática central y formas discursivas privilegiadas están vinculadas a la estetización de una memoria diaspórica.

Palabras claves: Diáspora, memoria, Literatura cubano-americana

Para iniciar um estudo que relaciona diáspora e memória convém, como ponto de partida, fazer algumas reflexões em torno à própria ideia de diáspora, considerando sua abrangência multidisciplinar, a inflação semântica sofrida pela palavra no seu

devir histórico e a reelaboração que a noção vem experimentando na contemporaneidade.

O conceito de diáspora pode ser visto como um problema teológico, quando associado ao tema bíblico da perda da origem e ao desejo permanente de retorno do povo hebreu (KENNY, 2013); também se constitui em problema histórico, geopolítico, antropológico, sociológico, cultural, sendo, inclusive, para Stuart Hall (2003) e Paul Gilroy (1994), uma questão de poética. Vinculado, etimologicamente, à ideia de dispersão, o conceito foi historicamente associado ao êxodo do povo judaico e a suas sucessivas migrações, à dispersão grega e armênia e, mais tarde, à migração forçada africana em séculos de tráfico negreiro e escravidão. Hoje a ideia de diáspora se torna mais abrangente, pois como explica Tölölyan, as diásporas são expressivas do momento transnacional atual: “O termo, que uma vez descreveu a dispersão judaica, grega e armênia tem agora significados com um domínio semântico maior, que inclui palavras como imigrante, expatriado, refugiado, trabalhador itinerante, comunidade exilada, comunidade estrangeira ou comunidade étnica” (TÖLÖLYAN, *apud* CLIFFORD, 1999, p. 300).

Com efeito, o enfoque transnacional da cultura que domina os estudos contemporâneos interpreta as diásporas no contexto de redes ampliadas de intercâmbio econômico, político e cultural, descartando aquela imagem convencional da diáspora como despojos culturais, como vitimização do sujeito diaspórico, ou como absorção total da comunidade diaspórica pela sociedade anfitriã.

James Clifford, um dos estudiosos da cultura que com maior insistência tem criticado as teorias essencialistas da diáspora, geralmente ancoradas na ideia da perda e nas teleologias da origem e do retorno, coloca em questão a definição de diáspora oferecida por William Safran (1991), para quem as diásporas devem cumprir certas regularidades: serem comunidades minoritárias expatriadas que se dispersaram de um centro originário, que conservam uma memória ou mito coletivo sobre a terra de origem, que experimentam a alienação no país que as recebe, que consideram um lar ancestral como lugar de retorno

final, e que estão comprometidas com a restauração da terra natal, assim como com uma identidade coletiva definida por essa relação com a origem. Crítico profundo das oposições binárias e de qualquer paradigma ideal, James Clifford trata com cuidado esse conceito de “diáspora ideal” de Safran, considerando que até as formas mais ‘puras’ são sempre ambivalentes e conflituosas.

Clifford explica que as diásporas somente podem ser pensadas fora do território normativo do Estado-nação; em consequência, fora de qualquer nacionalismo. Elas se expandem em redes transnacionais, construídas através de múltiplas conexões, codificando práticas de acomodação e de resistência às culturas de adoção. Assim, as diásporas não precisam articular-se de maneira linear ao problema da origem, sendo as conexões laterais e descentradas também importantes na caracterização do diaspórico.

Uma ideia central na caracterização de Clifford é que a diáspora não é temporária, como acontece com as viagens e outras formas do deslocamento. A tendência natural das comunidades diaspóricas é a de construir novos lares longe do lar, o que provoca mudanças significativas no sentido de pertencimento e gera formas muito criativas da memória. Assim, para Clifford, a diáspora não só significa transnacionalidade e movimento; ela expressa também as lutas para definir um local, modos de pertencer e de ser diferente nos novos espaços de enraizamento.

Outro referente valioso no estudo das diásporas está no livro de Paul Gilroy *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência* (2001). Gilroy fala do Atlântico negro para se referir às estruturas transnacionais que se desenvolveram e se articularam em um sistema de comunicação global constituído por fluxos de pessoas, imagens, ideias e símbolos negros em diversos pontos do mundo. A formação dessa rede possibilitou que as populações africanas negras na diáspora formassem uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, norte-americana ou britânica, mas pode ser todas elas ao mesmo tempo. Trata-se de uma cultura construída num processo dinâmico de trocas culturais que, pelo seu caráter híbrido, não se encontra circunscrita a fronteiras étnicas ou nacionais: uma cultura que

criou uma topografia à margem das estruturas e pressupostos do Estado-nação.

Para Gilroy o diaspórico não pode ser identificado com a dispersão traumática e aniquiladora da cultura, mas com um processo riquíssimo de trocas culturais e redefinição permanente do sentido de pertencimento. Sua concepção de diáspora quebra qualquer ideia de identidade atrelada à noção de território e de cultura enraizada, sobretudo quando o enraizamento é entendido como condição natural das culturas, anterior aos deslocamentos. Se, por uma parte, Gilroy é taxativo ao associar o conceito de diáspora a uma cultura específica, a cultura do Atlântico negro, por outra podemos resgatar de sua reflexão uma grande contribuição para uma teorização geral das diásporas: pensar o diaspórico como um processo dinâmico e fecundante, que garante os sentidos de rede, de multiplicidade, de interação, desafiando as soberanias territoriais e as identidades absolutas.

Já na caracterização que Avtar Brah oferece em seu livro *Cartografias de la diáspora* (2011), se insiste na necessidade de não teorizar sobre a diáspora a partir de uma experiência histórica concreta, mas sim de múltiplas experiências, arraigadas em mapas e em histórias singulares, que fazem do diaspórico um conceito plural e abrangente. Para Brah, cada diáspora é um cruzamento de múltiplas viagens, um texto de narrações convergentes, às vezes contraditórias, pois o diaspórico é vivido de múltiplas maneiras, segundo raça, gênero, religião, língua, geração. Nesse sentido, as diásporas são espaços diferenciados, heterogêneos e em permanente tensão.

Nestas rápidas delimitações, gostaria de fazer referência ao pensamento de Stuart Hall (2003), que também põe em xeque uma concepção de diáspora fincada nas teleologias da origem e numa concepção essencialista e binária da diferença. Hall duvida da possibilidade de localizar uma origem “homogênea e autêntica”, sobretudo para as Américas, espaço constituído de rotas impuras e camadas de diásporas. Essa perspectiva lhe permite pensar o sujeito diaspórico não como o outro do enraizamento, mas como uma forma a mais de manifestação das culturas. Para Hall, as estéticas diaspóricas interagem com as culturas de adoção,

alimentando-se e alimentando-as. São estéticas da disseminação e da fertilização. Coincidente com Paul Gilroy, para quem uma política e uma poética da diáspora são termos indissociáveis (GILROY, 1994, p. 211), Stuart Hall estuda a cultura caribenha como uma cultura “essencialmente impelida por uma estética diaspórica” (2003, p. 34). Na perspectiva de ambos os autores, a produção artística das diásporas contemporâneas instaura um campo discursivo que pode ser reconhecido, caracterizado e estudado nas múltiplas formas estéticas da impureza e da heterogeneidade.

Situadas estas coordenadas gerais sobre a noção de diáspora, poderíamos avançar em direção ao tema das relações que as diásporas estabelecem com a atividade mnemônica. Para isso, convém distinguir que, como explica Christine Chivallon, “a diáspora é, no conjunto das experiências migratórias, um tipo particular de trajetória coletiva caracterizada pela ideia de conservação e de continuidade” (2006, p.17). Pode-se dizer assim que a preservação de uma memória comunitária define em grande medida o diaspórico.

Mas a associação entre memória e diáspora não se faz destituída de tensões. Em primeira instância porque a memória é lacunar (conserva certas informações e apaga outras), é seletiva (não pode ser pensada como um arquivo linear) e ainda é criativa (elabora imagens no presente a partir de imagens aparentemente fixadas no passado). No caso de comunidades diaspóricas, a memória de seus membros selecionará o memorável da história vivida no passado, na terra de origem ou na própria viagem, e elaborará imagens, criativamente, acima desse material. Essas narrativas individuais serão transmitidas no âmbito da família e da comunidade, também criativamente, se fixando num imaginário coletivo. Nesse processo de lembrar, apagar, recriar e transmitir se funda uma memória coletiva diaspórica.

Por outra parte, as novas gerações, nascidas nos novos enraizamentos, conservarão lembranças de experiências vicárias, ou seja, experiências que não são próprias, mas que foram vividas por seus pais, seus avós, ou transmitidas pela comunidade, e que passam a ser próprias através de um curioso mecanismo

de transferência evocatória. As novas gerações trasladam essas lembranças alheias, vindas de conversas familiares, de velhas fotos, de mitos comunitários, para seu acervo memorial, pois, como argumenta Halbwachs (2006), não existem memórias individuais isoladas, nossas memórias se fixam em relação a uma comunidade e a redes discursivas específicas. Halbwachs mostra que a memória individual se enraíza na memória dos diversos grupos nos quais vive o sujeito. É dentro desses grupos que se constrói a memória de cada um, é com eles e neles que se estrutura a memória.

Essa memória mediada ou vicária, entre outras formas criativas da memória, estará na base de muitos dos textos de escritores cubano-americanos, uma geração muito singular dentro da ampla e multifacetada diáspora cubana nos Estados Unidos.

Com diversos nomes e atendendo a múltiplas classificações, a literatura de escritores de origem cubana produzida em Estados Unidos nos últimos cinquenta e cinco anos configura um vigoroso subsistema literário, no âmbito do sistema literário cubano. A reflexão crítica de ensaístas como Gustavo Perez Firmat (2000), Eliana Rivero (2000; 2005), Ambrosio Fonet (2000; 2009), Isabel Alvarez Borland (2004), Adriana Méndez Rodenas (2000), Ruth Behar (1996), Víctor Fowler (1996), Ivan de la Nuez (1997, 1998), Rafael Rojas (1999; 2001; 2007) ou Jesus Barquet (2014) pode dar conta do permanente debate que essa produção literária tem gerado na crítica cubana, fundamentalmente no que tange às classificações e denominações do corpus, assim como no referido a sua relação com um cânone literário cubano e com uma historiografia literária nacional, lembrando que a historiografia literária cubana tem se construído sob o clássico paradigma nacionalista, entronizado no século XIX, que remite o nacional aos pressupostos de unidade territorial e unidade linguística e que somente nos últimos anos o debate crítico tem mobilizado uma reflexão que atenta para a necessária transformação dos paradigmas historiográficos dominantes na instituição literária cubana, em favor de uma dimensão transnacional.

Uma leitura muito rápida e geral da crítica em torno à literatura cubana produzida nos Estados Unidos, permite que encontremos com relativa frequência conceitos como ‘literatura do exílio’, ‘literatura da emigração’, ‘literatura transterrada’ e, mais contemporaneamente, ‘literatura da diáspora’ para nomear essa produção literária cubana, de caráter extraterritorial, às vezes bilíngue, que se produz no âmbito geográfico de Estados Unidos. Esses nomes têm muito a ver com o próprio movimento histórico da emigração cubana do período pós-revolucionário, suas nuances ideológicas e a maneira em que os próprios artistas se colocam no campo intelectual cubano dos últimos cinquenta e cinco anos. Não obstante, não cabe dúvidas que nas últimas décadas a ideia de literatura da diáspora, com sua conotação de transnacionalidade, vem se impondo no discurso crítico cubano, para referir à literatura produzida nas mais variadas formas da migração. Essa noção, muito mais rica e dinâmica, denota outras maneiras de imaginar a pertença a essa comunidade imaginada que é a cubana.

Para o crítico e historiador cubano Rafael Rojas (1999), “diáspora” e “exílio”, no caso cubano, estariam remetendo, na verdade, a dois momentos da emigração: uma etapa que vai até meados dos anos 80, constituída pelas primeiras oleadas de emigrantes cubanos do período pós-revolucionário, que se dirigiram fundamentalmente para os Estados Unidos, onde inauguraram uma verdadeira “política do exílio” ativamente combativa e outra, posterior aos 80, em que começa outro tipo de emigração, a de quem sai da ilha com a ideia de voltar em algum momento. Esse grupo não vive a migração como uma separação radical, o que não significa necessariamente que a sua partida também não tenha contornos políticos. Para eles o repatriamento pode ser reversível, ou simplesmente é um horizonte possível, não necessariamente efetivo, pois se vive a distancia sem conflito, mais em sintonia com a era pós-nacional.

Se ainda incluímos esse debate da crítica cubana nos debates contemporâneos em torno à reconsideração da noção de diáspora que expliquei nas primeiras páginas deste trabalho, o resultado atenta para uma visão mais abrangente e dinâmica do diaspórico. Diante desse panorama, proponho pensar a

literatura cubana produzida nos Estados Unidos como um grande universo literário em diáspora, constituído pela escrita de autores que pertencem a diferentes camadas migratórias, diferente constituição ideológica, diferentes formas de inserção na cultura norte-americana, posturas individuais em relação a um presunto retorno à ilha e ainda diversas posturas estéticas em quanto à língua literária de adoção e aos repertórios literários de referência. Essa postura nos permitirá pensar os Estados Unidos como um espaço proteico, onde se desenvolvem criativamente diferentes formas da cultura cubana.

Um núcleo bastante coerente nesse contexto, ainda que não isento das mesmas polemicas classificatórias¹, o constitui a literatura cubano-americana. Trata-se de uma geração de escritores que chegaram pequenos ou nasceram nos Estados Unidos; sujeitos bilíngues, biculturais, que experimentam a coabitação não conflitiva da cultura hispânica e da anglo-saxônica, que expressam o rico processo de enraizamento que toda deslocamento gera e que colocam em discussão outros temas identitários diferentes dos de seus países, relacionados agora com a dualidade cultural e com o sentido de pertencer a uma comunidade muito singular no contexto estadunidense. Refiro-me a escritores como Cristina Garcia, Achy Obejas, Virgil Suarez, Elias Miguel Muñoz, Gustavo Pérez Firmat, Pablo Medina ou Ana Menéndez, por citar somente alguns nomes².

¹ Ver nesse sentido a definição de escritores cubano-americanos de Eliana Rivero (*apud* FORNET, 2000, p. 30) em contraste com a oferecida por Silvia Burunat e Ofelia Garcia (1988). Rivero considera cubano-americanos aos escritores que emigraram pequenos ou adolescentes, que se reconhecem como biculturais e bilíngues, que receberam toda sua formação em Estados Unidos e cuja literatura não expressa o conflito do emigrado em relação à terra de origem (próxima da caracterização oferecida por Gustavo Pérez Firmat, quando fala de “escritores étnicos” diferentes dos “escritores imigrantes”, *apud* FORNET, 2000, p. 16). Brunet e Garcia ampliam seu espectro e chamam também de cubano-americanos aos escritores extraterritoriais - no sentido dado por George Steiner (1990) ao conceito- ou seja, escritores que passaram a escrever em inglês, como língua de adoção, sendo o espanhol sua primeira língua. Essa inclusão trai outros problemas a um panorama caracterizador e definidor da escrita cubano-americana, naturalmente.

² Nesse conjunto estou incluindo escritores de uma primeira geração de emigrados, nascidos entre 1949 e 1955, que chegaram a Estados Unidos nos primeiros anos ao triunfo da revolução na ilha com 10 ou 12 anos (Gustavo Pérez Firmat, Roberto G. Fernández, Pablo Medina, e ainda incluiria a Oscar Hijuelos, cujos pais emigraram

Um estudo sistemático da produção desses escritores aponta para uma marcada recorrência do tema da memória. Curiosamente, Ambrosio Fornet observa como a palavra memória aparece com extraordinária frequência nos títulos de suas obras, (FORNET, 2009, p. 294). Vale lembrar, nesse sentido, títulos como *Memory mambo* (1996), de Achy Obejas; *Brand New Memory* (1998), de Elias Miguel Muñoz; *Exiled Memories: A Cuban Childhood* (1990), de Pablo Medina ou *Spared Angola: Memories from a Cuban-American Childhood* (1997), de Virgil Suárez.

Outro elemento de significativa recorrência nesse corpus é a marcada presença do discurso autobiográfico e memorial. Um rápido balanço da literatura cubano-americana evidencia uma notável profusão de autobiografias, autoficções, memórias, confissões, romances memoriais e textos ficcionais, que articulam na sua trama narrativa outros registros discursivos apelativos do memorial, como as cartas, os diários, os documentos familiares, as fotografias. Essa ênfase na memória estará às vezes acompanhada do exercício meta-memorial, considerando que o texto não somente textualiza as memórias, mas também as converte em objeto de sua reflexão.

O sentido criativo da memória do sujeito diaspórico é resgatado em múltiplos romances cubano-americanos. A reconstrução de um passado, em alguns casos, pertence a uma imagem congelada de uma ilha que não existe mais; em outros a um processo de reelaboração criativa da memória individual e coletiva, que produz imagens de uma ilha e de um passado que jamais existiram. Roberto G. Fernández, nas múltiplas vinhetas que compõem *Raining Backwards* (1988) problematiza esta questão, ao apresentar histórias e personagens cujas lembranças têm o poder de distorcer a imagem da ilha e do passado vivido em ela, fabulando histórias que com o passo do tempo se convertem em puras ficções compartilhadas pela família e pela comunidade. Emigrados involuntários dos primeiros anos pós-revolucionários, esses personagens contrapõem ao desarraigo um

pouco antes de 1959); uma segunda geração, nascida depois de 1955 (Achy Obejas, Cristina García, Virgil Suarez) e ainda uma jovem geração que nasceu em terras americanas, filhos de emigrados cubanos, a geração de Ana Menéndez.

mecanismo natural de resistência, a invenção memorial. Mirta Vergara, uma das protagonistas da obra, é um dos exemplos mais eloquentes da mitificação de um passado inexistente, uma figura trágica que segue sonhando com um amor imaginário, criado por ela para compensar sua realidade, e com uma praia de Varadero totalmente ilusória. Não por acaso, um dos temas centrais do romance é justamente a impossibilidade de voltar a uns país que somente existe na memória.

Muitos são os textos cubano-americanos que tematizam essa idealização de um passado em uma ilha congelada na memória. O conto de Ana Menéndez “In Cuba I Was a German Shepherd”, que intitula seu livro de 2001, comove, além do riso que provoca a conhecida piada do título, pela maneira em que os personagens se alimentam de seus sonhos. No conto “Huevos” de Roberto G. Fernández o protagonista contrasta o mundo deixado atrás com o que vive, a partir de uma delirante hiperbolização do passado:

¡Huevos! ¡Tú llamas huevos a esos que tenemos aquí! Se ve que la juventud no ha visto nada. Huevos, vaaaa. Huevos los de allá. Eso sí eran huevos, de cáscara dura y yema roja. Esos sí eran huevos, del tamaño de una pelota. Los huevos de allá eran tan grandes que casi había que hacerle cesárea a las gallinas. ¡Esos sí eran huevos! Y de la tierra, qué decirte de la tierra. Esa sí era tierra hermosa. Echabas una semilla hoy y al otro día tenías la mata entera con hojas, tallo y frutos. Nunca se utilizó abono.

[...] Parece mentira que tú, sabiendo, le llames a eso *guagúí*. Se ve que vas perdiendo la memoria. Eso que está ahí no es *guagúí* ni ocho cuartos. *Guagúí, guagúí, guagúí* el que había allá. Ese sí era *guagúí* ... (*apud* FORNET, 2000, p.55)

O outro elemento que chama poderosamente a atenção no contexto da escrita cubano-americana é a persistente presença das memórias vicárias, tema que resulta extraordinariamente prolífico nesse corpus. Trata-se, como antes expliquei, de uma memória “emprestada”, que passa a ser própria por um singular mecanismo de transferência. Lembranças da ilha ou de um passado familiar,

experiências dos pais e até mitos comunitários se convertem em fabulas de arraigo vicário, relatos de pertencimento, cuja particularidade é que se elaboram em um idioma diferente ao da experiência vivida pelos pais. No romance *Memory Mambo* (1996), de Achy Obejas, por exemplo, assistimos a um tipo muito original de narrativa construída sobre essa experiência vicária. Uma jovem cubano-americana que mora em Chicago, procura obsessivamente saber a verdadeira história de sua família em Cuba. Desde as primeiras páginas do romance, a personagem questiona o fato de ter memórias emprestadas, memórias que não provêm de histórias realmente vividas, sendo construções baseadas em relatos contados por outras pessoas. Assim, o romance desenvolve um debate sobre o poder das palavras e sua capacidade de realmente formar memórias, ao tempo em que também reflete sobre o poder da imaginação e da invenção na elaboração memorial de comunidades em diáspora. Na obsessão de compreender e interpretar a verdade da história familiar, a personagem se debruça sempre com uma realidade: tudo o que ela tem à mão são relatos e memórias de outros, histórias que, sem deixar de ter um ponto em comum com a verdade, também não são toda a verdade.

Com agudeza, Yolanda Flores (2005) argumenta que o romance de Obejas complica as definições tradicionais de memória, ao recorrer ao uso da “contra-memória” como dispositivo narrativo para contar as lembranças e como um projeto de interpretação. Flores toma a definição de “contra-memórias” do historiador George Lipsitz, para quem a contra-memória “é uma maneira de esquecer e de lembrar que começa com o local, o imediato e o pessoal [...] O contra-memorial incorpora aspectos do mito e aspectos da história, mas mantém uma suspeita persistente de ambos” (LIPSITZ, apud FLORES, 2005, pg. 764) para explicar como em *Memory Mambo* as contra-memórias funcionam como um projeto retórico: na medida em que se narram as histórias dos protagonistas, também são revistos conceitos estabelecidos sobre a memória e a história. Neste caso, a memória não é só individual, mas comunitária; isto é, os personagens tentam chegar ao conhecimento pessoal da verdade através da interpretação das memórias individuais, geralmente

colocadas em diálogo com as memórias dos outros membros da comunidade. O passado torna-se história através da narração. Memória e história estão intimamente ligadas, são recíprocas, intercambiáveis, não existem isoladas. Assim, não se chega a uma verdade absoluta, mas ao reconhecimento de múltiplas verdades que não permitem que a história seja entendida como um passado completo, fechado, mas como uma busca contínua, que faz da memória uma rede de lembranças fragmentadas, incompletas e porosas.

Em um belo artigo de Ana Menéndez, aparecido na edição de agosto de 2004 do jornal *Nosotros y la mesa: reflexiones sobre comida y cultura*, da Oficina de Programas de Informação Internacional do Departamento de Estado dos Estados Unidos, intitulado “Celebrar el Día de Acción de Gracias: Sazón cubana”, a narradora e jornalista cubano-americana descreve em detalhes a celebração do dia de Ação de Graças nos lares de emigrados cubanos em Estados Unidos e conclui com uma eloquente expressão, alusiva à vicariedade de sua memória cubana: “Esos fueron los días felices, matizados por las breves y dulces horas de la infancia, que al recordarlos me provocan la extraña sensación de que nada de eso ocurrió en Estados Unidos, sino en la Cuba del recuerdo de mis padres” (MENENDEZ, 2004, s/p).

Variadas são as formas em que o tema da memória aparece na literatura cubano-americana. Nesse sentido vale lembrar os títulos de Cristina Garcia, *Dreaming in Cuban* (1992)³ e *The Agüero Sisters* (1997)⁴, romances nos que a memória individual se entrelaça com as genealogias familiares e as memórias de uma comunidade diaspórica. Poder-se-ia dizer que os tópicos da casa, da família e da genealogia familiar são absolutamente transversais no amplo espectro geracional da literatura cubano-americana.

Um traço fundamental no corpus cubano-americano que centraliza a memória como tema e/ou eixo discursivo dominante

³ Edição hispânica: *Soñar en cubano* (Trad. Marisol Palés). New York: Ballantine Books, 1994.

⁴ Edição hispânica: *Las hermanas Agüero* (Trad. Alan West) New York: Vintage Español, 1997.

é o fato de expressar em inglês, lembranças de experiências que foram vividas em espanhol ou que foram transmitidas pelos pais nessa língua. Interferências, de forma involuntária, de um passado que aconteceu em espanhol em um texto em inglês, ou a necessidade de expressar algo do passado que somente pode ser dito em espanhol dentro da escrita em inglês serão tópicos bastante frequentes nesta produção. A obra de Gustavo Perez Firmat é referência indiscutível neste sentido, por fazer da fricção entre ambas as línguas uma verdadeira poética da escrita e por elaborar uma sistemática reflexão metalinguística e cultural, que podemos acompanhar em seu discurso ensaístico, mas também na própria produção ficcional. Seu livro autobiográfico *Next year in Cuba* (1995)⁵ expressa de maneira eloquente como toda memória se articula necessariamente à memória de uma língua. Não por acaso Firmat rescreve o livro em espanhol vários anos depois, argumentando em suas páginas iniciais que a versão restitui trechos de uma vida que precisavam ser ditos em espanhol.

Como falei antes, a orbita autobiográfica, confessional ou memorialística resulta ser absolutamente recorrente na produção cubano-americana. Textos como *Exiled Memories: A Cuban Childhood* (1990), de Pablo Medina; *Spared Angola: Memories from a Cuban-American Childhood* (1997), de Virgil Suárez; *Waiting for Snow in Havana: Confessions of a Cuban Boy* (2003)⁶ e *Learning to Die in Miami: Confessions of an Exiled Cuban Boy* (2010)⁷ de Carlos Eire; ou *Next year in Cuba* (1995) de Gustavo Perez Firmat articulam o discurso autobiográfico às experiências do deslocamento e dos novos enraizamentos. Para esses escritores, a literatura se constitui em espaço da lembrança, uma cronotopia em que vestígios da infância na ilha, resíduos, rastros e testemunhos memoriais corporificam-se nas palavras, criando um diálogo potencial com a história. Mas também são textos que assumem o presente da biculturalidade como um

⁵ Edição hispânica: *El año que viene estamos en Cuba*. Texas: Arte Público Press. Houston, 1997

⁶ Edição hispânica: *Nieve en La Habana: Confesiones de un cubanito* (Trad. José Lucas Badué) New York: Vintage Español, 2007.

⁷ Edição Hispânica: *Miami y Mis Mil Muertes: Confesiones de un cubanito desterrado*. New York: Free Press, 2010.

modo singular da cubanidade, nos quais o discurso memorial se articula coerentemente à reflexão cultural, antropológica e metalingüística.

Seguir as pistas que se solapam nesses discursos, escutar o rumor dos gestos, das imagens congeladas no tempo pela voz da primeira pessoa; reviver lembranças de seus protagonistas, assegura, sem dúvidas, uma produtiva leitura de um fragmento da história e da memória cultural cubanas. Se “la inmersión creciente en la propia subjetividad es sin duda un signo de la época, adquiere sin embargo otras connotaciones cuando esa expresión subjetiva se articula de modo elíptico o declarado, y hasta militante, al horizonte problemático de lo colectivo” (ARFUCH, 2013, p.14). Leio esses textos como testemunho individual de uma rota, mas também como testemunho coletivo de cinquenta e cinco anos de diáspora cubana em Estados Unidos, cinquenta e cinco anos de história da cultura cubana.

Referências

ALVAREZ BORLAND, Isabel. La lengua nómada. Orígenes y la diáspora del 90. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*. Madrid, v. 33, 2004, p. 265-274.

_____ et Al (eds.). *Identity, Memory and Diaspora: Voices of Cuban-American Philosophers, Writers, Poets and Artists*. New York: SUNY Press, 2008.

ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

BARQUET, Jesús. La literature hispana de los Estados Unidos: conceptos de pertinencia y espacios de pertenencia a inicios del siglo XXI. In: *Latinidad en encuentro: experiencias migratorias en Estados Unidos*, Ana Niria Albo; Antonio Aja (eds). La Habana: Casa de Las Américas, 2014, p.73-93.

BEHAR, Ruth. Going to Cuba: Writing Ethnography of Diaspora, Return, Dispair. In: *The Vulnerable Observer. Anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press, 1996. p. 136-160.

_____. *Bridges to Cuba*. University of Michigan Press, 1995.

BRAH, Aytar. *Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión*. Madrid: Traficante de sueños, 2011.

BURUNAT, Silvia; Ofelia García. *Veinte años de literatura cubanoamericana*. Tempe, AZ, Bilingual Press, 1988.

CHIVALLON, Christine; Berthomière, William (eds.). *Les diasporas dans le monde contemporain*, Paris, Ed. Karthala, 2006.

CLIFFORD, James. *Itinerários transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999.

DE LA NUEZ, Iván. *La balsa perpetua*, Casiopea, Barcelona, 1998.

_____. El destierro de Calibán: Diáspora de la cultura cubana en Europa. *Encuentro* n° 4/5, 1997, p. 143.

EIRE, Carlos. *Waiting for Snow in Havana: Confessions of a Cuban Boy*. New York: Simon & Schuster, 2003. [*Nieve en La Habana: Confesiones de un cubanito*. New York: Vintage Español, 2007].

_____. *Learning to Die in Miami: Confessions of an Exiled Cuban Boy*. New York and Toronto: Free Press, 2010.

FERNÁNDEZ, Roberto G. *Raining Backwards*, Houston: Arte Público Press, 1988.

FLORES, Yolanda. *Memory Mambo: Un paso hacia adelante, dos hacia atrás*. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXXI, Núm. 212, Julio-Septiembre 2005, pgs. 763-774.

FORNET, Ambrosio. *Memorias recobradas*. Santa Clara: Ediciones Capiro, 2000.

_____. *Narrar la nación*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2009.

FOWLER, Víctor. Miradas a la identidad de la literatura de la diáspora, In: *Revista Temas*. La Habana, abril-junio de 1996, N° 6, pp. 122-132.

GARCÍA, Cristina. *Dreaming in Cuban*. New York: Ballantine Books, 1992. [*Soñar en cubano*. New York: Ballantine Books, 1994].

_____. *The Agüero Sisters*. New York: Alfred A. Knoff, 1997. [*Las hermanas Agüero*. New York: Vintage Español, 1997].

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo e Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

KENNY, Kevin. *Diaspora: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2013.

MEDINA, Pablo. *Exiled Memories: A Cuban Childhood*. Austin: University of Texas Press, 1990.

MÉNDEZ RODENAS, Adriana. Diáspora o Identidad: ¿Adónde va la cultura cubana? *Revista Hispano-Cubana*, Madrid, n. 8, p. 43-49, 2000.

MENENDEZ, Ana. *In Cuba I Was a German Shepherd*. New York: Grove Press, 2001.

_____. Celebrar el Día de Acción de Gracias: Sazón cubana. *Nosotros y la mesa: reflexiones sobre comida y cultura*. Jornal da Oficina de Programas de Informação Internacional do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Disponível: <http://iipdigital.usembassy.gov/st/spanish/texttrans/2004/08/20040827180259xjyrrep0.3710443.html#ixzz3fK7dNBLV>. (Consulta: 12/7/2015)

MUÑOZ, Elias Miguel. *Brand New Memory*. Houston: Arte Publico Press, 1998.

OBEJAS, Achy. *Memory Mambo*. San Francisco: Cleis Press, 1996.

PEREZ FIRMAT, Gustavo. Trascender el exilio: la literatura cubana –americana hoy. Fonet, Ambrosio (org.). *Memorias recobradas*. Santa Clara: Ediciones Capiro, 2000.

_____. *Next year in Cuba, a cubano's coming of age*. New York: Doubleday, 1995. [*El año que viene estamos en Cuba*. Houston, Texas: Arte Público Press, 1997]

_____. *Cincuenta lecciones de exilio y desexilio*. Ediciones Universal, Miami, Florida, 2000.

RIVERO, Eliana. Cubanos y cubanoamericanos: Perfil y presencia en los Estados Unidos. In: Fonet, Ambrosio (org.). *Memorias recobradas*. Santa Clara: Ediciones Capiro, 2000.

_____. *Discursos desde la diáspora*. Cádiz: Aduana Vieja, 2005.

ROJAS, Rafael. Diaspora and Memory in Cuban Literature. In: O'REILLY, Andrea (Ed.). *Cuba: Idea of a Nation Displaced*. New York: SUNY Press, 2007. p. 237-251.

_____. La venganza del paisaje: diáspora y memoria del intelectual cubano. *Claves de razón práctica*. Madrid: 2001, n. 116, p. 57-62.

_____. Diáspora y literatura. Indicios de una ciudadanía postnacional. *Encuentro de la cultura cubana*, vol 12/13 (1999): 136-46.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diaspora*, no. 1, 1991. E em: VERTOVEX, S.; COHEN, R. (Ed.). *Migrations, diasporas and transnationalism*. Northampton: Edward Elgar, 1999.

STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SUAREZ, Virgil. *Spared Angola: Memories from a Cuban-American Childhood*. Houston, TX: Arte Público, 1997.

TÖLÖLIAN, Khachig. The Nation-state and its Others: in lieu of a Preface. *Diaspora*, v. 1, p. 3-7, 1991.